

A HISTÓRIA QUE EU QUERIA

Ana Maria Machado

© Elisabeth Teixeira



Resenha

Carol só gostava mesmo era de histórias de princesa, com ou sem fada madrinha; com dragões ou com gigantes; com fera, rei ou príncipe. Nanda, por outro lado, preferia os astronautas: seus favoritos eram os livros capazes de lançá-la para outras galáxias, a bordo de foguetes e naves espaciais. Quanto a Beto, preferia ser transportado para o passado longínquo, nos tempos em que os enormes dinossauros ainda deixavam suas pesadas pegadas sobre a Terra.

Acontece que as três crianças já haviam lido tantos livros e assistido a tantas séries e filmes com seus personagens favoritos, que os temas começavam a se repetir: sentiam falta de alguma coisa nova. Encontrar uma história que os entusiasmasse, porém, não era tarefa fácil: nenhum dos livros disponíveis parecia suficientemente atraente. Resolveram então unir-se para pedir para a professora, ou escrever para uma editora, solicitando uma história sob encomenda, com direito a astronautas, dinossauros e princesas, com elementos de suspense e surpresa, mas que fosse também engraçada: tudo isso ao mesmo tempo. Ao final do livro, contudo, se dão conta de que a melhor maneira de fazer a história que querem vir ao mundo não é encomendá-la, mas sim criá-la, de modo autoral – seja escrevendo, seja filmando, seja desenhando.

Em *A história que eu queria*, Ana Maria Machado cria uma narrativa metalinguística para conversar com seus jovens leitores a respeito de suas expectativas a respeito dos livros que leem, e encorajá-los a criar suas próprias histórias. No decorrer do texto, a autora faz referência a alguns dos universos ficcionais preferidos



Coordenação:
Maria José Nóbrega

das crianças e as convida a expandir seu horizonte de interesses. Se a indústria do entretenimento e a cultura de massa criam produtos que seguem uma determinada receita, Ana Maria Machado convida os pequenos a arriscar um roteiro menos previsível.

Os livros são importantes não apenas pelo que nos dão, mas também pelos espaços vazios que deixam em aberto e nos convidam a preencher à nossa própria maneira. Quanto mais lemos, ou assistimos a filmes, ou escutamos música, vamos nos tornando mais exigentes – e pode ser que surja um momento em que a única saída para essa insatisfação seja embrenharmos nós mesmos em uma empreitada criativa. *A história que eu queria* anunciada no título não chega a ser contada: ela está sempre por ser escrita, dando impulso para que os leitores aceitem o desafio de criar alguma coisa que dependa do seu gesto para existir.



Depoimento

De Pedro Felicio,
ator, músico e pai

Alguns dias depois de ler com meus filhos *A história que eu queria*, minha mãe me manda uma mensagem por aplicativo de celular com a legenda “olha o que eu achei aqui limpando meu computador”. Era um vídeo de minha filha mais nova, então com cerca de 3 anos. Nas imagens, ela está sentada na cama de minha mãe, folheando um livrinho quadrado e contando a história que nele “lê”. Ela, na verdade, repete as palavras decoradas depois de já ter escutado a história muitas vezes.

Repete com melodia e aquela vozinha de criança pequena alguma coisa como “sobe no meu carro e eu corro”, “fico sem sapato, sem bota, sem botina, sem pé-de-pato”, “aí o sapo ouviu: Socorro! Socorro!”. O pequeno livro quadrado era *No barraco do carrapato*, da série Mico Maneco. Uma edição antiga, com a ajuda da qual eu mesmo aprendi a ler, aos 6 anos de idade. Há mais de 34 anos.

E eu não me lembrava disso. Não me lembrava que o texto de Ana Maria Machado e as ilustrações de Claudius tinham sido tão importantes na minha vida como leitor. Me voltaram à memória, como uma tempestade, a carinha do menino Poti, seu pai, sua canoa, sua taba, uma arara e uns sete

papagaios, uma gota de mágica numa bolinha de gude, o rato e o rei do qual a roupa ele roeu, um banho de cachoeira do Maneco, penas de patos e de tico-ticos. Fiquei bastante impressionado com a força que essas histórias tiveram na minha própria história.

Mas o mais impressionante, o mais absurdo e mais lindo de toda a história que acabo de contar, é que, dias antes, havíamos lido, como eu disse, *A história que eu queria* aqui em casa.

E as imagens detalhadas e leves de Elisabeth Teixeira fizeram brilhar os olhos de minha filha menor, hoje com 5 anos, que descobriu que as crianças do livro moravam na frente da praia, que eram irmãos, que ficavam em casa quando chovia, que o pai delas era professor (ok, isso ela inventou; não sei de onde ela tirou isso...).

E as rimas internas fizeram brilhar os olhos de meu filho maior, de 8 anos, que se orgulhou muito quando brevemente interrompeu a leitura para proclamar: “Essa mulher sempre escreve tudo rimado!”

E ambos se identificaram com as personagens, com as histórias de princesas e de astronautas (e também identificaram o Joca, meu sobrinho, que é apaixonado por dinossauros).

Meu filho adorou as ilustrações que são divididas e ponderou, inspirado pelo título do livro, que “de um lado está o normal, de verdade mesmo, e

do outro a imaginação e como eles queriam que fosse... A história, como eles queriam que fosse a história.”

E daquele emaranhado delicioso de informações coloridas, rimadas e escondidas, meu filho mais velho decidiu desenhar uma história em quadrinhos. Desenhou uma pequena tirinha, com uma situação que acontecera com ele mesmo semanas antes. A primeira tirinha em quadrinhos do meu filho.



E então percebi (como eu poderia imaginar?) que aquele encantamento com o *Mico Maneco* que eu e minha filha vivemos, cada um em sua própria infância, já era um encantamento de querer pensar, de querer escrever, de querer criar as histórias que a gente queria.



Um pouco sobre a autora

Ana Maria Machado é carioca, tem três filhos e mora no Rio de Janeiro. São quase quarenta anos de carreira, mais de cem livros publicados no Brasil e em mais de dezessete países, somando mais de dezoito milhões de exemplares vendidos. Os prêmios conquistados ao longo da carreira de escritora também são muitos, tantos que ela já perdeu a conta.

A escritora vive viajando por todo o Brasil e pelo mundo inteiro para dar palestras e ajudar a estimular a leitura. Depois de se formar em Letras, começou sua vida profissional como professora em colégios e faculdades. Também já foi jornalista e livreira. Desde muito antes disso, é pintora e já fez exposições no Brasil e no exterior.

Mas Ana Maria Machado ficou conhecida mesmo foi como escritora, tanto pelos livros voltados para adultos como por aqueles voltados para crianças e jovens. O sucesso é tanto que em 1993 ela se tornou *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Finalmente, a coroação. Em 2000, Ana Maria ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da literatura infantil mundial. E em 2001, a Academia Brasileira de Letras lhe deu o maior

prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra. Em 2003, Ana Maria teve a imensa honra de ser eleita para ocupar a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras.



Leia Mais

Da mesma autora e série

- ✦ *A minhoca da sorte*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A velhinha maluquete*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Balas, bombons, caramelos*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Esta casa é minha!*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O elefantinho malcriado*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Um pra lá, outro pra cá*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Atrás da porta*, de Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Direitos do pequeno leitor*, de Patrícia Auerbach. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *O livro de Lívio*, de Hrefna Bragadottir. São Paulo: Brinque-Book.
- ✦ *O livro errado*, de Nick Bland. São Paulo: Brinque-Book.